

SER OFFLINE E EXISTIR ONLINE¹

BE ONLINE, OFF-LINE EXIST

Siegfried Zielinski*

No More Secondhand God

(*Buckminster Fuller, 1963*)

SOBRE COMO ESTÃO AS COISAS

Quando, ocasionalmente, ainda usamos, sem prestarmos atenção, as palavras correspondentes à abreviatura PC por extenso, elas soam estranhamente antiquadas. O computador pessoal, que funciona massivamente apenas há duas décadas e meia, causa sempre a impressão de ser uma concepção do passado.

Por um lado, os aparelhos movidos por algoritmos e microeletrônica integraram-se, literalmente, aos corpos de seus usuários e são, sem dúvida, comparáveis às funções do bio-adaptador de Oswald Wiener. O mouse, aconchegado na mão e deslizando sobre a mesa ou o pad, começou aos poucos, nos primórdios dos anos oitenta, a tornar supérfluo o manejo dos teclados alfa-numéricos. Os usuários, a qualquer momento, dispostos a entrar em ação, ainda carregam a última interface para as variantes móveis dos aparelhos terminais no corpo ou diante do corpo, antes que, no próximo passo, sejam colocados sob a pele. Os artefatos da comunicação, lisos e arredondados, aconchegam-se na mão. Suas telas planas e translúcidas são acariciadas com as pontas dos dedos, como se fossem a pele porosa que envolve o corpo do outro. Pela manhã, acordamos com eles; para muitos são a última coisa que tocam antes de adormecer, quando, por exemplo, querem ser acordados por seu acompanhante eletrônico constante. Esses pacotes de dados pequenos e dinâmicos com acesso técnico-sensorial organizam a vida particular, assim como o trabalho, o estudo na universidade, a escola. O escritório e, com isto, também a administração tornaram-se onipresentes. Os artefatos passaram a ser apêndices íntimos das unidades bio-lógicas e as auxiliam a lidar melhor com a realidade estruturada técno logicamente e a nela poder orientar-se. Elas são parte integrante daqueles geradores de felicidade dos quais precisamos para podermos viver em harmonia com o

* Professor da Universität der Künste Berlin, BERLIM, ALEMANHA. tutoren.zielinski@udk-berlin.de

mundo e o mundo nos suportar razoavelmente. Esse *traje de felicidade* (Glücksanzug) (Wiener) chama-se atualmente interface ou - eu prefiro a variante alemã mais dramática - *Schnittstelle*.

Por outro lado, os computadores em si, não têm mais nada de pessoal. Não vão continuar sendo estações autônomas de trabalho e de divertimento, como ainda foram o Atari ST (Sixteen/Thirtytwo) ou C (Commodore) 64, com os quais treinamos o uso do computador. As próteses algorítmicas de hoje não são mais unidades autônomas. Onde quer que os usuários de notebooks digitais e estações de trabalho se encontrem, estão conectados a nós telemáticos de comando e de recepção de comando, de encomenda, de distribuição, de informação, de propaganda. Essa é a regra. Os dados que povoam os artefatos móveis são muitas vezes codificados individualmente e só têm nexos decifráveis para cada pessoa. Os aparelhos individuais não são mais terminais, e, sim, funcionam como interfaces para um sistema de telecomunicações e informática no qual muitas pessoas estão conectadas ao mesmo tempo, interagindo em diálogos mais ou menos extensos, uns com os outros, uns contra os outros ou completamente sem compromisso. São aquecedores contínuos de diversos processos de informação e comunicação. O laptop e o powerbook isolados e suas variantes, ainda mais móveis, que não dispõem mais de CPUs fixas, são conexões individuais dentro de dispositivos chamados, de maneira exagerada, de redes sociais. A raiz da palavra *sociús* no adjetivo está reduzida a seu significado original: isto é, ser participante, reunir-se com outras pessoas, estar em uma ligação de intercâmbio, nem mais nem menos.

Os usuários operam máquinas de atualização. Os artefatos isolados funcionam como recipientes portáteis e temporários para um sem-número de outros artefatos do tipo programático - os aplicativos. Eles só são utilizados quando é realmente necessário. A sua particularidade consiste em sua disponibilidade instantânea. Aí acontece o presente. Assim como no cinema, nos primeiros cem anos, se impôs a variante de se poder alugar a figuração do tempo, por uma determinada quantia, os participantes da rede telemática pagam pela atualização de programas aplicativos. Dessa forma, utilizam também aplicativos futuros para computadores fixos. Os aplicativos migram do hardware isolado e são importados temporariamente, quando necessário. Os programas tornam-se prestadores de serviço emprestados e são tratados como *Gastarbeiter* (trabalhadores estrangeiros) ou trabalhadores temporários. Os aparelhos são cada vez mais concebidos e instalados

como gabinetes para a utilização das assim chamadas redes sociais, que se transformam nas praças de mercado atuais.

Essa atualização significa, de fato, ativação do presente? Nunca houve tanta recordação e tanta biografia como na época das tecnologias do esquecimento. O futuro torna-se atual, de forma mais imediata do que o planejado - no que vamos nos lembrar ou devemos nos lembrar -, ele se torna obrigatório. Particularmente estranho é um fenômeno que podemos denominar *arqueologia instantânea*², na ampliação de uma máquina da Firma Ampex de 1967, chamada *instant replay* e no desenvolvimento de um pensamento de Vilém Flusser acerca da técnica de gravação eletrônica.

Aquilo que foi desenvolvido, no final dos anos 60, para elites profissionais, para o esporte ou para processos de trabalho organizados com mecânica de precisão, hoje em dia é técnica cultural instalada em larga escala. Na fotografia digital, esse fenômeno aparece de forma mais evidente. Devido à redução extrema do tempo entre a tomada da foto e sua reprodução, todos podem ver imediatamente qual era a sua aparência há apenas alguns segundos, e com isso em vista, fazer uma cara, já preparada para a próxima foto. Os jovens praticam até o excesso essa técnica cultural de uma arqueologia em tempo real. Plataformas como Youtube ou MySpace são os play-grounds ocupados em excesso para essa técnica cultural.

Isto é, de fato, uma forma de recordação ou nada mais é do que uma insignificante extensão do presente para dentro do passado? Não se trata aqui de uma arqueologia *pro-spectiva* ou até de uma forma avançada de “*Entinnern*” (desinteriorização)³. O olhar para trás não é importante para a arqueologia instantânea, mas sim o olhar que, através do passado recente, se dirige para frente. Se o momento em que tem lugar um acontecimento já se torna objeto de um debate sobre algo passado, isso suprime o presente. O presente torna-se apenas mero efeito, extremamente curto para o futuro, uma dimensão de tempo mínima não mais mensurável, isto é, o momento da atualização. Através da redução extrema dos tempos de armazenamento e da simultânea expansão das capacidades de memória até o imensurável, o passado não cai no esquecimento, mas, sim, a possibilidade de vivenciar e aproveitar o presente. Para isso não há mais tempo. Futuro e passado são conectados um ao outro imediatamente e de forma efetiva.

Na essência, isso significa a imposição da ideia cibernética no contexto psicossocial. Em 1970, Zbigniew Brzezinski já tinha definido a capacidade crescente para o cálculo ins-

tantâneo de interações altamente complexas como característica importante de uma sociedade *tecnocrônica*. Depois que a disposição e a necessidade da interação social se introduziram na formulação de quaisquer descrições de emprego como exigência de qualificação, agora a capacidade para o imediato torna-se o maior bem no agir indireto da comunicação técnica.

Contudo, o Youtube - “*therefore you are*” da modernidade atual, ainda denominada por muitos teóricos, em falta de um conceito melhor, de pós-modernidade, é um progresso em relação ao vaidoso *cogito, ergo sum* [*Penso, logo existo*] da modernidade clássica. A dúvida de Lacan quanto à consistência lógica da relação entre o *eu* pensante e o *eu* existente não é assim, no fim do século vinte, apenas confirmada, de forma grandiosa, no ritual do cotidiano baseado na técnica. Pode, também, tornar-se ponto de partida de um agir que há muito tempo tem consciência da impossibilidade da subjetividade soberana, tanto mais que as subjetividades fragmentadas se contrapõem aos mundos dos objetos igualmente fragmentados. A ideia de um bloco hegemônico coeso sempre foi um fantasma, da mesma forma que a ideia do sujeito forte como centro do universo. A ideia de um sujeito frágil poderia ajudar no conceito de uma existência oscilante, como Gianni Vattimo sugere. No entendimento dele, um sujeito fraco, mas que, a meu ver, pode também adquirir sua força vital apenas da relação com o outro e, assim, através do outro tornar-se, às vezes, um sujeito forte. Muitas ideias boas são paradoxais.

O “você” ocuparia o centro das atenções, mesmo que seja um “você” eletrificado. Flusser, treinado no raciocínio pela filosofia do diálogo de Martin Buber, definiu isso nos seus últimos anos de vida como uma possibilidade do indivíduo de movimentar-se novamente em direção a Deus, depois que esse, em Auschwitz, teria ocultado completamente seu semblante. O encontro com o “você”, nessa variante da filosofia judaica, é a única possibilidade de vislumbrar Deus. Para Flusser, projetado para a situação da conexão telemática, significaria: de monitor para monitor, de uma tela para outra, quando um tem inclinação pelo outro.

Somente pelo amor ao meu próximo posso amar a Deus. Então, a imagem, a única imagem admissível - a face do outro. Mas a imagem sintética - a imagem de computador - é a outra pessoa. [...] através da imagem de computador posso falar com a outra pessoa. Ela me envia sua imagem, eu a manipulo e envio de volta - isso é a imagem judaica. Isso não é a imagem de um ídolo. Também não é paganismo. Isso é a maneira como eu amo meu próximo e, através do amor a ele, amo a Deus. Eu não sou um bom interprete do Talmud, mas eu diria que,

partindo de um determinado ponto de vista do Talmud, a imagem sintética de computador é perfeitamente judaica⁴.

Essa era a ideia que Flusser fazia do diálogo telemático, antes de esse tornar-se realidade massiva. A qualidade concreta das imagens sintéticas que Flusser, nesse caso, tem na cabeça fica oculta. Sobre isso ele também não expôs nada de essencial, em outros textos. Nem da perspectiva de sua argumentação teológica, nem no aspecto teórico de mídia, pode se tratar de imagens representativas. Só podemos deduzir do experimento narrativo *Vampyrotheutis infernalis*, também uma narrativa em imagens, que se trata de artefatos visuais que têm a capacidade de produzir uma outra realidade, que não aquela que nós conhecemos fora das imagens, por exemplo, como ficções científicas.

O diretor britânico Chris Petit, em seu último filme, colocou em cena, de forma grandiosa, o estado emocional daqueles que, vinte anos após o advento da internet, diariamente estão à procura do diálogo com um interlocutor fictício. O filme chama-se *Content* (2009) e, à primeira vista, ainda é conduzido pela ideia que câmera e automóvel são dois aparelhos oriundos do mesmo contexto dispositivo. Por outro lado, o filme permanece completamente no interior de um espaço vital íntimo, isto é, até no interior do aparelho de comunicação telemática. *Content*, nesse sentido, é, ao mesmo tempo, road-movie e home-movie.

“Just once, for one day in my life, I would like to feel that I and everyone speaking to me, were talking full sense.”

“I would like to fall in love before it’s too late, don’t care who with.”

“I would like a feeling of assignation to life, not sitting here calculating how many fucks I have got left. The middle-ground is hardly there anymore.”

O espaço intermediário na perspectiva temporal é o presente. Os personagens jovens de Petit que dizem tais frases movimentam-se diante da câmera, que, na passagem citada de *Content*, é uma *webcam* simulada, como se estivessem em uma estranha Casa de Espelhos, na qual eles se encontram constantemente com uma outra pessoa que quer capturar as imagens deles. Eles se colocam em cena para a visibilidade total, dentro da qual, ao mesmo tempo, pretendem esconder-se sob abas de chapéus, atrás de franjas compridas, que caem por cima dos olhos, óculos enormes, capuzes ou virando seus rostos para fora do campo da câmera em semiperfil. Tais jogos de esconde-esconde, meio sem graça, são nossos conhecidos - sob augúrios historicamente bem diferentes - das silhuetas existencialistas dos primeiros filmes de John Cassavetis, *Shadows* (1958), e *Faces* (1968). Michel Foucault denomina tais ensaios regulamentados de identidade de

“tecnologias do si mesmo”⁵. A fábrica de Andy Warhol em Nova Iorque foi o laboratório ideal para a aprendizagem de atitudes e poses correspondentes.

I’ll be your mirror chamava-se a trilha sonora que fazia parte da procura por uma outra identidade e que Nico, o ícone da fábrica de Warhol, interpretou congenialmente no palco “I’ll be your mirror / Reflect what you are, in case you dont know / I’ll be the wind, the rain and the sunset / The light on your door to show that you’re home [...] Let me stand to show that you are blind / Please put down your hands / cause I see you.” A superação imaginária das separações de Lacan, que causam tanta dor, através da reunificação romântica dos olhares de um e de outro / de outro e de um, pelo menos, no momento de êxtase da poesia do rock.

No auge da guerra do Vietnam, William Burroughs expressa por que a ideia romântica, necessária no pós-romantismo, se rompe através dos dispositivos do tecnológico.

A curto-circuitagem do trevo cibernético entre o ser humano e a máquina, entre o indivíduo e o sistema baseado na técnica está no foco de seu líbelo *Electronic Revolution*, em cujo título um cão vadio expõe cabos de eletricidade pelo ânus. “Quando eu digo >ser eu<, >ser você<; >ser eu mesmo<, >ser outro< – indiferentemente de como se queira me denominar ou do que eu possa declarar sobre mim: eu não sou essa etiqueta verbal >EU< e não posso ser [...] Quando se vê a relação do >ich< com >corpo<, como a de um piloto com sua máquina, então se reconhece o poder do comando RM >ser um corpo< em todo seu efeito devastador. Quando se martela, na cabeça do piloto, que ele é a máquina – quem então vai pilotar a máquina?⁶

Estar em profunda intimidade com o outro e tornarem-se estranhos entre si, com meticulosa precisão, pode ser o *summa summarum* de uma observação superficial e cívica de jovens existências contemporâneas nas comunidades europeias e norte-americanas baseadas na técnica. No prolongamento militante-radical de uma figura retórica central de Agamben, o grupo teórico francês Tiqqun gosta de festejar uma singularidade arbitrária desse tipo. Expresso como crítica ao efeito do poder baseado ciberneticamente, um tal conceito de singularidade encerra em si o perigo de poder transformar-se em ação facistoide. Arbitrariedade radical desconhece responsabilidade em relação ao outro. Ela está disposta a colocar em jogo a integridade do indivíduo.

Certamente aqueles que investem seu tempo de trabalho e seu tempo livre nas redes sociais não formam *societas* no sentido tradicional de uma comunidade obrigatória de

comunicação. Toda comunicação tem suas origens em vivências de bloqueios, rupturas, separações, carência. Aqueles conectados esporadicamente, entretanto, de forma alguma podem ser singularidades totalmente eventuais, pois o dispositivo telemático com todas as suas atraentes superfícies e compromissos age, há muito tempo, gerando identificação entre eles. Através de sua atividade técnico-comunicativa recíproca, constituem uma comunidade com a qual tem uma relação positiva; ela é *estimada* por eles. Contudo, ela também pode resvalar para atitudes de arbitrariedade no sentido de desmandos submissos, quando o telemático é a única coisa que, na atualização, confere estabilidade à comunidade.

Cada geração cria para si seus próprios paraísos e toda geração precisa de seu próprio acesso aos não-lugares da promessa, que uma vez foram chamados de utopias. Esses são seus justos direitos. Os habitantes comuns das assim chamadas redes sociais são efetivamente veículos de propaganda, multiplicadores, produtos. Mas são também usuários esporádicos à procura de ocupações que para eles fazem sentido, e, acima de tudo, de afeições respeitadas que estão situadas além das expectativas de amizade e vivências de felicidade secundárias que eles vivem diariamente. Não querem ser apenas associados dentro de um círculo funcional mecânico no qual o fato de estar continuamente ligado à corrente elétrica representa a maior sensação possível de ser vivenciada. A sua ação comunicativa é impulsionada pela esperança de que a amizade do mundo técnico, do outro lado, possa, às vezes, ser prolongável para uma vivência no mundo do lado de cá; de que possa existir alguém do outro lado que saiba escutar e que use uma linguagem que não seja idêntica à linguagem sem consideração dos incorporadores e redatores de protocolos.

Os indivíduos, entrelaçados e perdidos na rede técnico-social, podem estar também à procura dos reflexos dos inúmeros estilhaços de seus egos, na maior parte nada espetaculares. (As telas miniaturizadas, além disso, são pouco apropriadas para espetáculos.) Centro atraente de sua atividade é, em contrapartida, o anseio pelo outro lado do próprio existir e agir, é o “você”, o reconhecimento através do seu olhar, mesmo que, na expressão concreta, esse olhar possa ser um olhar imaginário.

Isso não tem que se designar como procura pelo ser supremo. Se, no entanto, eu entender o mundo do outro de tal modo que Deus se “... manifesta em cada sorriso, em cada afago, principalmente, é claro, em cada ato especial de paz ou em cada ato especial de amizade, ou em cada ato especial de ternura”, como o artista do Fluxus, Wolf Vostel, formulou

em uma conversa⁷, então se pode usar aqui a grande palavra. A vanguarda pós-guerra logicamente colocou arte e vida como uma coisa só, e muitos até hoje acham isso algo admirável. Por que nós nos espantamos, cheios de incompreensão, quando aqueles que cresceram na cultura da era digital qualificam comunicação e vida como idênticas?

As *Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito* de Hegel fazem parte dos textos mais profícuos do rigoroso trabalho de conceitos filosóficos originários da Alemanha. Em um adendo ao capítulo sobre o Estado (§ 270), Hegel salienta uma diferenciação, que eu adaptei para o manifesto que se segue. É a diferenciação entre *existir* e *ser*. Não só na filosofia de Heidegger ela desempenha um papel importante como diferença entre *existentia* e *essentia*, aguçada entre a mera existência e o ser incondicional. A história do pensamento ocidental está permeada por essa ampliação do substancial.

Na filosofia do Direito de Hegel, a diferença diz respeito à questão, se e como a unidade está ligada ao todo, se ela sente e pensa sobre a sua participação no todo como uma necessidade ou se deixa esgotar-se no particular. Portanto apenas existe. “Realidade é sempre conjunto de generalidade e particularidade, é a decomposição da generalidade em particularidade, que aparece como autônoma, embora só no seu todo ela seja sustentada e mantida. Na medida em que esse conjunto não existe, algo não é *real*, embora possa se supor *existência*.”⁸

Com o olhar voltado para as assim chamadas redes sociais da internet, que, para os jovens na atualidade, ocupa uma função semelhante a que Hegel estabeleceu como função do Estado outrora, faço a diferença, por um lado, entre uma existência que se esgota no ato da comunicação baseada na técnica e que, ao mesmo tempo, procura integrar-se, através desse ato, considerando a obscura comunidade dos conectados; e por outro lado, um ser que tem consciência do entrelaçamento de suas atividades de comunicação e, ao mesmo tempo, pode realizar-se, em um sentido abrangente, com relativa independência, sem precisar estar preso a incentivos fatais de unidade de tipo fundamental. Faço a diferença entre um sujeito que, no geral, é apenas funcional (portanto, submisso) e um indivíduo que tem a coragem de sempre poder estar consigo mesmo ou fugir de si mesmo, o que, da perspectiva da filosofia do diálogo, pressupõe a permuta intencional com o outro, também no experimento (técnico).

Considerando-se as duas formas como graduações em uma escala, então a existência se refere mais acentuadamente ao geral no individual, enquanto o ser é, com prioridade,

o individual no geral. Deus pode existir, mas não ser. Seres humanos podem ser, mas não apenas existir. Trata-se aí também da consciência do tempo, que está intimamente entrelaçado com as máquinas da comunicação. Existir, na internet, significa, sobretudo, agir e perceber segundo as *actualitas*, participar técnico-psicologicamente de uma atualização. A experiência temporal profunda do ser contém atualizações, porém não se realiza nelas.

No manifesto que se segue, discuto alguns pressupostos básicos, para que essa diferenciação possa continuar sendo eficaz ou possa, novamente, tornar-se eficaz. *The Cluetrain Manifesto* (2000) difunde, de forma programática, na abertura do calendário do novo século que, sob as condições das redes, todos os mercados são conversações. Eu, ao contrário, declaro que nem todas as conversações inevitavelmente tenham que ser mercados.

Ao formular meus pensamentos, diversos textos que procuram elaborar teoria de forma apelativa me foram de relevante e pronta ajuda. Em maio de 1983, Giorgio Cesarano publica sua homenagem a George Bataille. Em 98 itens, o panfleto gira, repetidamente, em torno das modificações dos estados emocionais do sujeito, sob as condições da hegemonia do delírio de produção. “[...] o objeto por excelência e o sujeito fictício, a mercadoria sublimada que se mantém coesa nada mais é do que uma forma do vazio. Um corpo é um suporte, um vazio, a marca de si mesmo. Aquilo que se diz é o som, a trilha sonora do vazio. Com ou sem guitarra, toda canção é a característica que estimula a ausência, que celebra a onipotência do passado e do não-ter-sido, inseparável da apologia do crédito futuro. O ser [...] produz-se assim exclusivamente na lembrança [...]”⁹

O título do manifesto homenageia logo duas obras do auge da industrialização. *Psychopathia Sexualis* (1886), de Richard Freiherr von Krafft-Ebing, e *Psychopathia criminalis* (1898), de Oskar Panizza. O psiquiatra e médico forense Krafft-Ebing, em seu minucioso estudo de desvios sexuais, consegue, de forma primorosa, o equilíbrio entre a variedade ilimitada de manifestações de desvios e a ideia integradora do cientista. Superficialmente, o manifesto de Panizza, escrito de acordo com o modelo de Krafft-Ebing, mostra-se como orientação para a identificação de energias e sintomas criminosos, revelando-se, porém no fundo como um manual, sem pudores contra a melancolia, a agonia, a sensação de choro e a paranóia como consequência inevitável da subordinação à autoridade. “Somente a convivência com os infectados, com vagabundos, com [...] com liberais de esquerda, como pré-produto do manicômio, leva a semente ao coração desses jovens, dos quais alguns, talvez, antigamente, tenham sorvido seu chá da inocência

na Associação de Rapazes Cristãos [...] e toma a forma de desejo para a prática do mal que causa arrepios”, escreve Panizza no primeiro parágrafo sobre *paralisi cerebri*, a cerebromalácia.

VADE-MÉCUM PARA EVITAR UMA PSYCHOPATIA MEDIALIS [MANIFESTO]

1. Artes e teorias que possuem uma afinidade com o pensamento avançado e com as tecnologias avançadas exigem a mais alta flexibilidade. Essa flexibilidade é algo diferente daquela mobilidade que as circunstâncias dominantes exigem no dia a dia. Ela não se presta à exploração e ela mesma não explora. Para a nossa flexibilidade, um mínimo de poses, escolhidas cuidadosamente, é suficiente. Ela cultiva uma existência andarilha e tenta orientar-se no mundo sem disciplinas impostas. Ela é indisciplinada, no melhor sentido. Ela não é disciplinável. Essa é a defesa de uma teoria e prática em cima do muro, entre os territórios delimitados, entre os dispositivos do poder, como Michel Foucault denominou sobretudo a sexualidade, a verdade e o saber. Agora podemos acrescentar ainda a vontade para a conexão incondicional

2. Globalização é um conceito que está associado, em alto grau, ao poder econômico, cultural e político. A palavra provém de um vocabulário que nada tem a ver com o particular e nem com as artes. Para que possamos realizar o objetivo de permuta mundial através do nosso trabalho, sem cairmos na armadilha de (pré)supostos, precisamos de outros conceitos e outras orientações. Poetas e filósofos, como Édouard Glissant, da Martinica, são mais capazes de fornecê-los do que estrategistas políticos ou ideológicos. Ele trabalha com o termo *la mondialité*, em substituição a *mondialisation*, que designa a globalização como uniformização. Derrida também prezava muito essa palavra. *Mondialität* designa uma característica das relações mundiais que não são definidas através de racionalidade unificadora de objetivos e, sim, como *poesia das relações*. Arte e teoria, que surgem com o auxílio de ideias e mídias avançadas, poderiam tornar-se, nesse sentido, uma teoria e prática *mondial*

3. Em caso de dúvida e havendo uma escolha, uma decisão arriscada pela possibilidade é mais oportuna do que uma decisão pragmática pela realidade. A necessidade de decisão intensificou-se. Durante 400 anos, a moderna ciência, técnica e arte exaurem-se, com sucesso, em tornar visível o não visível, o não perceptível, finalmente acessível à percepção. Esse processo avançou muito através da computadorização da natureza e porque as relações sociais se tornaram sistêmicas até dentro dos meandros filigranados. Quanto mais o mundo técnico é programado para tornar o impossível possível, isto é, funcional, vale a pena a tentativa de confrontar o possível com suas próprias impossibilidades. Isto seria um programa aberto como alternativa à afirmação da cibernética, como técnica cultural e social.

4. Nas sociedades desenvolvidas, isto é, sociedades industriais e de prestação de serviços baseadas na tecnologia, vivemos em uma permanente situação de teste. O mundo que nos cerca foi equipado como *test department*, como se chamava uma banda genial de Glasgow, na Escócia, nos anos 80 (*Test Dept.*) Ideias e conceitos tão logo são concebidos, são testados nos mercados quanto a sua utilidade. Em processos elaborados, artísticos, pelo contrário, o experimento tem prioridade frente ao teste. O experimento tem em si graus mais altos de

liberdade, inclusive a possibilidade de fracasso. O teste está preso a propósitos claramente definidos e objetivos antecipadamente determinados, que devem ser atingidos. Ele está a serviço da criação do produto. O output esperado e o input inserido são comutados nele da maneira mais curta possível

5. O encanto dos laboratórios de alquimia, no início da Idade Moderna, em primeiro lugar, não consistia realmente em fabricar da matéria comum ouro brilhante, mas sim muito mais, em adquirir experiências de alcance profundo no processo ativo da mudança do menos perfeito para o mais perfeito. Em partes essenciais, esse processo consistia em pesquisa. Nele a transformação do transformador tinha um significado tão grande quanto a transformação da matéria.

6. Teoria e prática das artes que, entre outras coisas, se tornam realidade através das mídias deveriam investir menos na renovação e restauração do mundo, e empenhar-se no experimento que nunca termina e nunca se torna supérfluo, em criar um mundo um pouco melhor do que o mundo existente. Visto que as artes baseadas na mídia são todas artes temporais, portanto artes que se tornam realidade em uma continuidade espaço-temporal, uma coisa é sobretudo importante: devolver àqueles, que devem vivenciar e apreciar as obras uma parte do tempo que a vida lhes roubou [Godard].

7. O esforço enorme e as energias que são necessários para ocupar o centro do poder tecnológico e cultural não valem a pena. Movimentos na periferia têm graus maiores de liberdade, oferecem mais diversão e contêm mais surpresas. Eles não excluem excursões ocasionais, através do centro, para outros locais nas bordas. Muito ao contrário, uma existência permanente nas bordas só é recomendável quando se conhece a qualidade especial do centro e quando se tem uma ideia de como ele funciona. Só então se pode desfrutar realmente dos movimentos na periferia.

8. Em vários aspectos, pelo menos identidades duplas fazem parte do equipamento básico daqueles que atuam no campo das correlações entre as artes e os aparelhos e das teorias ligadas a ambos. No aspecto econômico, isso significa dominar tanto as táticas da anarquia como também saber de que modo o negociante pensa e age. [Pessoa] Para aqueles que têm a ver com aparelhos complexos, não basta serem apenas poetas e pensadores. Para eles, a longo prazo, experiências em instalações e organização vão fazer falta. Atitudes cômodas não perderam nada na teoria e prática das artes que são realizadas através das mídias.

9. Imaginação e matemática jamais foram contradições irreconciliáveis e também não o serão no futuro. Podem-se usá-las como duas possibilidades distintas que se completam para entender o mundo, decompô-lo ou construí-lo através de um terceiro. Só se chega até os mais altos níveis da matemática através da força da imaginação. Por outro lado, a imaginação faz bem em não se livrar, sem necessidade, de fazer contas e cálculos. Além disso, ambas são, cada uma em sua autonomia, intocáveis.

10. Para poder produzir coisas e processos excitantes e estimulantes através de aparelhos não se precisa, necessariamente, ser engenheiro ou programador. Porém é muito vantajoso saber como engenheiros e programadores pensam e trabalham. Sem respeito pelo trabalho e pela maneira de trabalhar de cada um, projetos de composição complexa não são possíveis.

11. Para os/as artistas que decidiram passar conseqüentemente pela técnica avançada não é suficiente ser simplesmente operador nem apenas mágico. O acesso experimental ao mundo

exige uma ação que intervenha, assim como atores/atrizes que estão em condições de fazer a imposição das mãos, de preferência: operadores mágicos e mágicos operadores. Há muito está ultrapassado não entender por mais tempo a contraposição que Walter Benjamin, há mais de setenta anos, fixou para *A Obra de Arte na Época de sua Reprodutibilidade Técnica* como antagonismo para os processos artísticos na época de sua concepção ilimitada.

12. O macrocosmo do social e político, assim como o microcosmo do cérebro individual, é determinado por uma alta tensão que sempre ameaça dilacerar novamente ou um ou outro. Não se precisa, necessariamente, ser psiquiatra ou psicanalista, quando nos movimentamos na teoria e prática da arte, através de ideias e técnicas avançadas. É bom saber, porém, de que se constitui a sua atividade no campo de tensão dos sistemas restritivos da censura e das regiões abertas da fantasia [Por isso, o psiquiatra e filósofo Hinderk Emrich tornou-se um dos meus professores mais importantes.]

13. O sonho é a mais poderosa máquina psíquica, sobre a qual não temos poder, mas com a qual podemos aprender infinitamente. O cuidado com os próprios sonhos é, pelo menos, tão importante quanto o treino permanente para a prática do cotidiano organizado. Deveríamos deixar o cuidado com os sonhos dos outros a cargo dos próprios. As atividades de interpretação e a atividade de controle dos sonhos estão muito próximas. Por isso, em princípio, desconfiamos daqueles que, insistentemente, querem saber com que sonhamos, para que possam interpretar os nossos sonhos.

14. A arte que surge através de ideias e mídias avançadas não precisa, necessariamente, aumentar o caráter enigmático do mundo, mas, além disso, ela não precisa também aumentar a quantidade do que é evidente e a quantidade do que naturalmente deve ser aumentado. De ambos existe o suficiente e completamente sem intervenção de artistas e de teóricos

15. Proporcionar a expressão do invisível com os meios do visível é a difícil acrobacia nas artes visuais. O análogo é válido para o mundo acústico e para o mundo da poesia: formular o tonal inimaginável de forma acessível ao ouvido e o verbal, geralmente imperceptível, em uma ordem com os mais altos graus de liberdade. A tarefa mais nobre é, por meios estéticos, tornar ou manter sensível ao que é diferente, ao que não é idêntico a nós – a aquilo que, em princípio, e fundamentalmente, é desconhecido. Essa tarefa das artes não vai mudar, seja qual for a mídia utilizada para nos expressarmos.

16. Quando os diversos níveis da realidade artificial – instrumentos analógicos, aparelhos de gravação, computadores, programas, ferramentas digitais – nas produções estéticas são mesclados tão intimamente que não podem mais ser diferenciados, passa para o segundo plano a necessidade de destacar especialmente a estrutura técnica de cada nível, como a vanguarda clássica ainda fazia. Finalmente, todos os parâmetros de realização podem ser levados a uma relação de jogo livre, uns com os outros.

17. A dança constante nos platôs estendidos sobre vulcões leva, sedutoramente, ao diletantismo profissional e atualmente à veneração do amador passional, como modelo condutor da atividade estética. A coragem para a verticalidade auxilia a não escorregar constantemente nas tentadoras superfícies lisas. Precisamos dos dois movimentos – daqueles na horizontal e daqueles na vertical – e, da mesma forma, da saída elegante daquela cruz que resulta da ligação de ambos [Lembrando Dietmar Kamper.]

18. A ideia de que cada um archive na rede, em tempo real, tudo que produz e pensa, é obscena [*Lifelogging*]. Ela se refere ao empreendimento audacioso de uma existência limitada – equipada com uma memória demarcada – de se expandir pela eternidade. O *Long Now Project*, o prolongamento artificial do momento para um espaço de pelo menos 10.000 anos, é comparavelmente obsceno. O super desgastado ego da modernidade tenta, mais uma vez, salvar-se, por esse meio, para o futuro. O paraíso, estendido para ser duradouro, só pode ser sempre artificial e é parente daquele prolongamento do momento que é obtido através de drogas que prolongam a percepção do tempo. Nós opomos a isso a redescoberta da capacidade para o presente, bem como a prática da cultura do experimento, por exemplo.

19. Para evitar uma existência que esteja demais no tempo, e com isso paranóica, e/ou de um ser que esteja de menos no tempo, e que presume estar em casa, nos anéis de Saturno, em melancolia e amargura, uma cisão fundamental e cultivada constantemente pode ser uma ajuda. Nós organizamos, aprendemos, publicamos, debatemos e nos divertimos em redes tecnológicas. Nós nos entusiasmos, pensamos, desfrutamos, acreditamos e confiamos em situações autônomas, separadas cada um por si e, ocasionalmente, junto com outros indivíduos. Isso acaba em uma permanente acrobacia. Em uma única vida, temos que aprender a poder existir *online* e a ser *offline*. Se não o conseguirmos tornamo-nos pura e simplesmente apêndices substituíveis daquele mundo que nós mesmos criamos, nos tornamos funções técnicas desse mundo. Essa vitória nós não deveríamos conceder à cibernética, a ciência do controle otimizado e da previsibilidade de acontecimentos complexos.

20. Falta esse número.

21. Subjetividade é uma atividade no limite, escreveu o jovem Wittgenstein no *Tractatus logico philosophicus*. Isso não mudou em nada. Nem depois que o sujeito soberano da modernidade europeia foi declarado morto reiteradas vezes. Muito ao contrário. Os percursos dos limites meramente se deslocaram. O fato de que há limites não foi eliminado por isso.

22. Assim como o céu e o inferno, a internet não conhece localização. Corpo e espírito juntos, porém, só podem estar presentes em um lugar. Para impedir a continuação da sacralização das redes, é proveitoso desenvolver uma relação profana com elas. Só podemos fazer isso a partir de um lugar situado fora das redes. Locais tem uma outra característica de lugar público diferente das praças de mercado, salas de concerto ou estádios.

23. A internet faz parte dos não-lugares para dentro dos quais o ser físico e psíquico se dissipa. Os sujeitos, independentemente de quão fracos ou fortes sejam imaginados, não deveriam renunciar à disposição para a dissipação infundada. Entretanto, está na hora de refletir a quem servem essas dissipações.

24. A maior impossibilidade da qual podemos nos ocupar atualmente refere-se às relações dos indivíduos entre si e, conseqüentemente, às relações entre muitos. Para Batailles, a amizade realiza-se como o estranhamento sentido profundamente no mundo e que se divide com os outros. Michel de Montaigne definiu a amizade, apoiando-se em Aristóteles, como uma constelação na qual uma alma única mora em um só corpo, de modo que nem o emprestar nem o dar, mesmo de longe, possam ser um questionamento "Para um grupo à mesa prefiro convidar o espirituoso e não o ponderado; para a cama prefiro a beleza em vez da bondade; para uma conversa agradável, de preferência, presença de espírito [...]"¹⁰.

As relações entre amigos distinguem-se pela ausência dessas colocações cheias de intenções. Essa ausência não representa um vazio, mas, sim, a maior riqueza possível de experiência. Partindo desses pontos que se tornaram impossíveis, a socialidade continua sendo imaginável como experiência positiva, como sensação.

NOTAS

- 1 Tradução do original em alemão *Online Sein und Offline Existieren* por Ilona Jacobs e ALTA - Alemão, Língua, Tradução e Assessoria. Revisão por André Lemos e Jorge Cardoso Filho.
- 2 Intitulamos “Instant Philosophy” um trecho das conferências de Flusser em Bochum, que trata das qualidades especulativas do vídeo (Flusser, 2008, p. 179) Anikka Kuhlmann está escrevendo atualmente na Universidade das Artes uma monografia com o título *Instant Nostalgies*. Meus agradecimentos por nossas discussões.
- 3 Sobre esse neologismo compare Bartels: *Erinnern, Vergessen, Entinnern - Das Gedächtnis des Internet* (Recordar, Esquecer, Desinteriorizar - A memória da Internet) (Köln 2000), p. 7 -16.
- 4 Diálogo de Vilém Flusser com LB e MP (1990) no DVD *We Shall Survive in the Memory of Others* (Budapeste/Berlim 2010).
- 5 No contexto da internet discutido em Campanelli, *Web Aesthetics* (Rotterdam 2010), p. 173.
- 6 Burroughs, *Die elektronische Revolution* (A revolução eletrônica) (Bonn 1970) p. 75.
- 7 Em Vostel, *Leben = Kunst = Leben* (Vida = Arte = Vida) (Leipzig 1993), p. 145.
- 8 Hegel, *Grundlinien der Philosophie des Rechts, Dritter Teil: Die Sittlichkeit, Dritter Abschnitt: Der Staat*. (Linhas Fundamentais da Filosofia do Direito, 3ª parte: A moralidade, terceiro parágrafo: O Estado) Adendo ao § 270 em Hegel GW (Frankfurt 1986), volume 7, p. 428 e ss.
- 9 Cesarano, „Der erotische Aufstand“ (A revolução erótica), § 61 (Berlim 1983) p. 72 e ss.
- 10 De Montaigne, *Von der Freundschaft* (Da amizade) (aqui Munique 2005), p. 16.

Artigo convidado em 20 de agosto de 2012, após o proferimento da palestra em ocasião do seminário “A vida secreta dos objetos”, no Goethe-Institut de Salvador.